

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral — Agrupamento 4

Duração da prova: 120 minutos
1998

2.ª FASE

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

Esta prova é constituída por dois grupos de resposta obrigatória.

GRUPO I

Leia atentamente o seguinte texto, transcrito do penúltimo capítulo do romance:

- 1 Defronte do Ramalheite os candeeiros ainda ardião. Abriu de leve a porta. Pé ante pé, subiu as escadas ensurdecidas pelo veludo cor de cereja. No patamar tacteava, procurava a vela, quando, através do reposteiro entreaberto, avistou uma claridade que se movia no fundo do quarto. Nervoso, recuou, parou no recanto. O clarão chegava, crescendo; passos
- 5 lentos, pesados, pisavam surdamente o tapete; a luz surgiu — e com ela o avô em mangas de camisa, lívido, mudo, grande, espectral. Carlos não se moveu, sufocado; e os dois olhos do velho, vermelhos, esgazeados, cheios de horror, caíram sobre ele, ficaram sobre ele, varando-o até às profundidades da alma, lendo lá o seu segredo. Depois, sem uma palavra, com a cabeça branca a tremer, Afonso atravessou o patamar, onde a luz sobre o veludo
- 10 espalhava um tom de sangue — e os seus passos perderam-se no interior da casa, lentos, abafados, cada vez mais sumidos, como se fossem os derradeiros que devesse dar na vida!
- Carlos entrou no quarto às escuras, tropeçou num sofá. E ali se deixou cair, com a cabeça enterrada nos braços, sem pensar, sem sentir, vendo o velho lívido passar, repassar diante dele como um longo fantasma, com a luz avermelhada na mão. Pouco a pouco foi-o
- 15 tomando um cansaço, uma inércia, uma infinita lassidão da vontade, onde um desejo apenas transparecia, se alongava — o desejo de interminavelmente repousar algures numa grande mudez e numa grande treva... Assim escorregou ao pensamento da morte. Ela seria a perfeita cura, o asilo seguro. Porque não iria ao seu encontro? Alguns grãos de láudano¹ nessa noite e penetrava na absoluta paz...
- 20 Ficou muito tempo embebendo-se nesta ideia, que lhe dava alívio e consolo, como se, escoraçado por uma tormenta ruidosa, visse diante dos seus passos abrir-se uma porta, donde saísse calor e silêncio. Um rumor, o chilrear de um pássaro na janela, fez-lhe sentir o sol e o dia. Ergueu-se, despiu-se muito devagar, numa imensa moleza. E mergulhou na cama, enterrou a cabeça no travesseiro para recair na doçura daquela inércia, que era um
- 25 antegosto da morte, e não sentir mais nas horas que lhe restavam nenhuma luz, nenhuma coisa da Terra.

Eça de Queirós, *Os Maias*, 31.ª ed., Lisboa, Livros do Brasil, s. d.

¹ *láudano*: medicamento cuja base é o ópio e que se emprega para adormecer.

Elabore um comentário do excerto apresentado que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- evolução do estado psicológico de Carlos;
- traços que definem a figura de Afonso;
- importância da luz e da cor na criação da atmosfera trágica;
- recursos estilísticos relevantes;
- relação com a estética do Realismo-Naturalismo.

GRUPO II

Resuma o excerto a seguir transcrito, constituído por duzentas e quarenta e sete palavras, num texto de **setenta e cinco a noventa** palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as instruções dadas em final de página.

- 1 No caso particular do *Orpheu*, há [...] duas circunstâncias de curiosa cronologia. O *Orpheu* de 1915 tornou-se simbólico do lançamento do Modernismo em Portugal. Mas, sem falarmos de anteriores manifestações nas artes plásticas e mesmo na literatura, há que ter presente que Mário de Sá-Carneiro publicara importantes obras *modernas* em 1914. Assim,
- 5 um espírito moderno, que se vinha processando, apenas encontrou no *Orpheu* aquele escândalo momentâneo que justifica os «nascimentos» convencionais. A outra circunstância é altamente importante, e modifica radicalmente a maneira como *Orpheu* tem sido visto. Na verdade, após essa revista e outras igualmente efémeras (ou que não chegavam sequer à
- 10 informação da grande imprensa e ao público em geral), o Modernismo foi longamente ofuscado pela continuidade literária anterior que a aventura modernista não tinha abalado. A chegada dos grandes nomes identificados com o *Orpheu* ao público leitor e à crítica não identificada com o Modernismo só se processa nos fins dos anos 30 e nos anos 40: a poesia de Sá-Carneiro só foi reeditada ou primeiro publicada em volume em 1937-39, e a poesia de Fernando Pessoa só começou a aparecer em volume em 1942 (e ainda está em curso
- 15 de publicação). Com raríssimas excepções, a obra vanguardista de Almada Negreiros só em anos recentíssimos chegou ao grande público em obras completas. É de há pouquíssimos anos a publicação de *Tempo de Orpheu*, de Alfredo Pedro Guisado. Só há poucos anos se publicou em volume a obra poética do Ângelo de Lima que o *Orpheu* acolhera.

Jorge de Sena, «O significado histórico do *Orpheu* – 1915/1975»,
Colóquio/Letras, Lisboa, n.º 26, Julho, 1975

Há uma tolerância de quinze palavras relativamente ao total pretendido (sessenta palavras como limite mínimo, e cento e cinco como limite máximo). Um desvio maior implica a desvalorização parcial do texto produzido.

Note que, para efeitos de contagem, se considera uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando hifenizada. De acordo com este critério, o fragmento a seguir transcrito é constituído por doze palavras: «O/ *Orpheu*/ de/ 1915/ tomou-se/ simbólico/ do/ lançamento/ do/ Modernismo/ em/ Portugal/».

FIM

V.S.F.F.

138/3

COTAÇÕES DA PROVA

GRUPO I	140 pontos
Desenvolvimento dos tópicos – conteúdo	80 pontos
Elaboração do comentário – organização e correção linguística	60 pontos
 GRUPO II	 60 pontos
Conteúdo	24 pontos
Organização e correção linguística.....	36 pontos
 TOTAL	<hr/> 200 pontos